

# IAPI, um local privilegiado pela natureza

Foto: Gilio Lima

O bairro do IAPI (sigla de Instituto dos Aposentados e Pensionistas da Indústria) cresceu ao redor de um dos primeiros conjuntos habitacionais de edifícios do Brasil, o Conjunto Residencial do Salvador, construído no final da década de 40. Situado num dos pontos privilegiados da cidade, com o passar dos anos foi sendo cercado por loteamentos e por invasões, passando a ser uma das áreas mais densamente povoadas da cidade. Da tranquilidade inicial ficaram pontos isolados, enquanto a violência se concentrava nas zonas mais pobres e no fim de linha do Jardim Santa Mônica onde, apesar da existência de um módulo da Polícia Militar, assaltos e homicídios continuam acontecendo. Mas é ao longo da Avenida Conde de Porto Alegre que gira a vida da população local, estimada em quase 55 mil habitantes.



Os conjuntos residenciais caracterizam o tipo de moradia mais utilizada pela população do IAPI

## MARJORIE MOURA

O IAPI fica situado numa região alta e de clima agradável, que pode ser sentido tanto por quem chega ao local através do Largo do Tamarineiro, como pela Avenida Barros Reis. A maioria dos moradores reside em casas, espalhadas principalmente pelos Jardins El Dorado, Vera Cruz e Santa Mônica, loteamentos implantados na década de 50. O intenso movimento de veículos mostra a posição central do bairro, que está situado entre a Caixa D'Água e Pero Vaz, com os quais mantém ligações com linhas de ônibus.

Quem reside por lá não pode se queixar da estrutura comercial, que abrange desde pequenas mercearias, passando por um grande supermercado, até os mais variados tipos de estabelecimentos. Apesar dos problemas quanto à qualidade de ensino e número de vagas, as escolas e colégios atendem às necessidades dos estudantes residentes no bairro, havendo duas unidades públicas e as demais particulares. Farmácias e atendimento médico em geral são de boa qualidade, existindo nas imediações os Hospitais Ernesto Simões, Octávio Mangabeira, Mário Leal, além de clínicas de várias especialidades.

Também fica situado no local o Sanatório Santa Mônica, que além de raras fugas de internos que conseguem escalar os altos muros, não chega a ser uma vizinhança incômoda para quem mora no jardim, que tem o mes-

mo nome do hospital. A população é bem atendida pelo sistema de transporte urbano, com linha para a maioria dos bairros da cidade, sendo apenas criticado o ramal do Terminal da França, cujos constantes atrasos prejudicam quem precisa ir para o Comércio e outras áreas da Cidade Baixa.

## Invasões

Entretanto, para quem mora nas invasões que cercam o bairro, Nova Divinícia, Dom Lucas e Bem Amado, estes serviços estão um pouco mais distantes e o sacrifício dispendido para sair de manhã para trabalhar é bem maior. A dona-de-casa Aline Mato Grosso de Aguiar, 48 anos, que reside há 23 anos em Nova Divinícia, disse que no início não era muito difícil, uma vez que

os acessos eram todos de caminhos de barro, intransitáveis em períodos de chuva. Não havia energia elétrica e a água era apanhada em San Martin. A fonte existente na área não supria a demanda da população.

A violência também imperava e as casas eram cercadas por um matagal que favorecia a ação dos bandidos. Hoje, a situação está bem melhor, diz Aline Mato Grosso, que trabalha no setor de merenda do centro comunitário. As outras invasões não possuem uma organização como Nova Divinícia, que existe há quase 30 anos. A Baixinha de Santa Mônica, onde acontecem assaltos a cobradores de ônibus no fim de linha, além de homicídios, não possui uma associação de moradores e os problemas enfrentados por quem reside na

área parecem não ter solução.

Em meados dos anos 80, a maior reivindicação de quem morava no local eram os alagamentos e o lixo nas ruas, que não eram pavimentadas. Além disso a falta de escolas também preocupava os pais, apesar da existência de colégios nas ruas principais do IAPI. Hoje, a pavimentação e coleta regular pela Limpurb resolveram estas questões, mas a intensificação do tráfico de drogas e os assaltos continuam, apesar deste tipo de crime ter diminuído.

A disputa por ponto de vendas de drogas sempre causa tiroteios e mortes, além de balas perdidas já terem atingido inocentes. A ação da PM não tem sido suficiente para acabar com a situação, causada principalmente por questões socioeconômicas.



A feirinha é responsável pelo abastecimento da população da área

## Tranquilidade ameaçada

O Conjunto Residencial Bahia tem mais de 50 anos de existência, mas segundo o atual síndico Walter Cabral, nunca passou por uma reforma, sendo apenas submetido a pequenas consertos. A última pintura dos cinco blocos aconteceu há 10 anos e o condomínio não tem condições de arcar com esta despesa, diz Cabral, que mora há 31 anos no local. Rodeado de muros, o conjunto tem cinco edifícios cercados por amplos jardins e abriga cerca de 1.600 pessoas em 264 apartamentos. Um grupo de 13 empregados, dois deles exclusivamente para a cuidados das gramas e árvores, trabalham diariamente.

Um dos moradores mais antigos é o aposentado Abílio Joaquim do Nascimento, 90 anos, que mudou para o conjunto em dezembro de 47. Ex-funcionário da Companhia Construtora Nacional, diz

que só todos os dias para o trabalho numa lotação, acompanhado das duas filhas que iam para a escola. O local era cercado de mato, mas já era agradável, apesar da falta de estrutura. Ele lembra que o conjunto era habitado por profissionais liberais, comerciantes e industriários, sendo cercado apenas por um muro de arame.

"A carestia sempre existiu", disse, "mas hoje a falta de empregos está matando". Ele revelou que os problemas do bairro começaram com a chegada das primeiras invasões, há pouco mais de 30 anos, mas o conjunto ainda é o melhor lugar para se morar. Somente há 12 anos foi construído um muro, mas apesar da extensão da área que cerca o local, somente dois assaltos foram registrados nos últimos anos à sede do condomínio.



Abílio J. do Nascimento mora há 52 anos no Conjunto Bahia

## Jardins são convite ao sossego

Os loteamentos incorporados ao IAPI, conhecidos como área dos jardins, são atualmente a parte mais bonita do bairro, com casas bem cuidadas em ruas largas e limpas. A exemplo de outras áreas da cidade, vários imóveis abrigam pequenos comércios como lanchonetes, escritórios e lojas que não suprem as necessidades básicas do dia-a-dia, mas são opções para evitar uma ida à Rua Conde de Porto Alegre. A feirinha do bairro abastece a população com alimentos frescos e andá-

até o supermercado não é muito sacrifício.

Em reportagem publicada por A TARDE, em 1966, dez anos após a implantação do empreendimento, a situação era bem diferente devido à falta de infraestrutura, que fazia com que as ruas dos jardins El Dorado, Vera Cruz e Santa Mônica ficassem mergulhadas no escuro e a chegada de água era recebida com festa. Antônio Amorim Brito, 52 anos, há vinte no bairro, diz que atualmente não existe lugar melhor para morar, principalmente

devido à vizinhança, dos quais cerca de 80% são proprietários dos imóveis. Com uma loja de panelas e utensílios domésticos, diz que nunca pensaria em residir em outro lugar.

Quem reside em Nova Divinícia não desfruta de tanto sossego, em meio a áreas de risco de deslizamento, agravadas por falta de rede de esgoto. Romilda Santos da Cruz, da associação de moradores, denuncia a falta de policiamento e diz que apesar da violência estar sob controle, os problemas não deixam de existir.